

O Incor agora nunca mais será igual

O caminhão do Corpo de Bombeiros acabava de entrar na avenida Rebouças e a multidão já rompia os cordões de isolamento, correndo atrás e descendo a avenida. Milhares, no entanto, partiam na direção oposta, andando devagar, cabisbaixo. E pelo menos umas 200 pessoas ficavam diante do Instituto do Coração. Para estes, estava tudo acabado. Eles eram a imagem da desesperança.

Alguns ficavam apenas parados. Ou andando calmamente de um lado para outro. Alguns choravam muito. Como Carlos Valladares, que enxugava o rosto com a bandeira do Estado de Minas Gerais. Carlos, mineiro, mora em Brasília. Foi ele quem carregou na Capital o famoso boneco Tancredo. E, com o boneco, veio a São Paulo para ficar perto de seu ídolo: "Quería vê-lo sair daqui vivo. Agora, morreu também uma parte de mim mesmo. Mas, vou com ele até o fim, vou hoje mesmo para São João del Rey".

Falando baixo, como se estivessem num velório, havia pessoas que

tentavam consolar os que choravam. Um silêncio rompido só pelos soluços e pela sirene de uma ambulância que chegava ao pronto-socorro do Hospital das Clínicas. Sem pressa, o pessoal começava a ir embora, enquanto as equipes de televisão iniciavam o trabalho de desmontar os palanques e enrolar os quilômetros de fios que,



O BRASIL SEM TANCREDO

durante 27 dias, permitiram que País acompanhasse a movimentação diante do Incor e os boletins lidos pelo porta-voz Antônio Britto.

10h00. Saíam do Instituto uma atendente e uma telefonista. Estavam revoltadas. Dizia a atendente Maria Isabel Silva: "Não nos deixaram ver o presidente pela última vez. Nós, que como vocês da imprensa, trabalhamos dia e noite enquanto ele esteve aqui, gostaríamos de lhe dar o último adeus".

Devagar, mais algumas pessoas começavam a se retirar. Andando depressa, chegavam alguns e perguntavam ansiosos: "O enterro já saiu?"

A operária Leda estava ali na rua Enéas de Carvalho Aguiar desde as 2h00 da tarde de domingo. A noite, quando soube da morte, não quis mais ir para casa. Avisou a família e foi ficando, como tantas pessoas que estavam sentadas nas calçadas.

Mas, aos poucos, a vida parecia ir voltando ao normal naquele cenário entristecido. As faxineiras do prédio dos ambulatórios varriam as calça-

das, cheias de garrafas, copos e latas de refrigerantes vazios, restos de papel e pontas de cigarro.

A gerente do CCR, Márcia Villela, acha que o trabalho de limpeza deve acabar hoje. O que vai levar mais tempo é o conserto das cadeiras do auditório, que são fixadas no concreto, e das mesas e cadeiras que serviram para o trabalho dos repórteres.

11h30. Os soldados da Polícia Militar deixaram a rua, os cordões de isolamento começaram a ser retirados. Também as faixas, que estavam como testemunhas do drama, iam sendo retiradas. Everaldo Ribeiro de Oliveira chegou de Osasco para recolher uma faixa que colocara dia 14: "Vou guardá-la de lembrança".

Por fim, a rua ficou quase toda limpa. E algumas pessoas apareciam por ali. Apontavam para o Incor ou até tiravam fotografias. A menina Reinabel Rezende Rodrigues, 11 anos, chegou com os pais, e leu uma cartinha que tinha escrito: "Tancredo ficará para sempre em nosso coração".